

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

THE WORM REVOLUTION

Heitor de Castro Soares 1
Liliane S. Storniolo Scarpin 2

Estudante do primeiro período do curso de Direito (2019/2) da **1**
Universidade Estadual do Tocantins (Unitins).
E-mail: heitorcastro12@gmail.com

Professora de Interpretação e Produção de Texto da Universidade **2**
Estadual do Tocantins (Unitins), doutoranda em Arte Educação pela
Universidade Estadual de São Paulo “Júlio Mesquita Filho” (Unesp) e
Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: liliane.ss@unitins.br

Apresentação do autor

George Orwell, com verdadeiro nome Eric Arthur Blair, nasceu em 1903, na Índia, época em que essa estava sob domínio da Inglaterra. Dessa forma, estudou em escolas com tradição britânica, de acordo com as políticas neocolonialistas.

Popularizou-se pelos romances *1984* e *A Revolução dos Bichos*, esse último será analisado a seguir.

Perspectiva teórica da obra

Mesmo nascido na Índia, por ser na época colônia inglesa, o autor é considerado inglês, nascido na Índia Britânica. Dessa forma, as influências neocoloniais vivenciadas por ele foram cruciais a sua formação teórica.

Com ar sarcástico, inteligente e direto, escreve *A Revolução dos Bichos* com clara referência à Revolução Russa e a seguinte ditadura estalinista instaurada, à qual era amplamente opositor.

Assim, como simpatizante do anarquismo e da autonomia, fez clara oposição ao socialismo soviético em sua rica, fluida e ao mesmo tempo profunda obra.

Síntese da obra

A obra descreve, por meio de metáforas, a Revolução Russa e a ditadura estalinista. No texto, os revolucionários são representados por animais antropomorfizados que buscam a independência do abusador ser humano dentro do contexto de uma granja. Nessa, a exploração realizada colocava os animais em situação de fragilidade e abuso.

A história inicia-se com o conceituado e velho porco Major, já no final da vida, passando aos mais jovens sua experiência e aprendizado dentro da granja. Por meio dele, nasce o ideal revolucionário, instruído como um passo natural e fundamental dentro da sociedade. Assim, a igualdade e respeito aos animais seria alcançada, unificada pelo hino Bichos da Inglaterra.

Sua morte, alguns dias depois, fez nascer de dois de seus seguidores (Napoleão e Bola-de-Neve, ambos porcos como Major), um fervoroso estudo e ensino pela busca do que chamaram Animalismo, a Revolução enfim concluída.

Como esperado por Major, a revolução ocorreu naturalmente, mas mais rápida do que se esperava, como revolta pelo longo dia em que não receberam alimento. A fúria em decorrência disso, fez com que os animais expulsassem os donos da granja e a tomassem por fim a até então chamada Granja do Solar, que fora renomeada como Granja dos Bichos.

Dessa forma, diversas medidas e regras foram criadas, a fim de evitar a volta do homem e do sistema anteriormente adotado. Assim, são escritos os sete Mandamentos da granja, agora autossuficiente e governada pelos bichos, repugnando o homem e todas as suas mordomias e vícios e unificando os animais, foram elas:

1. Qualquer coisa que andasse sobre duas pernas era inimigo;
2. Qualquer coisa que andasse sobre quatro pernas, ou tivesse asas, era amigo;
3. Nenhum animal usaria roupas;
4. Nenhum animal dormiria em camas;
5. Nenhum animal beberia álcool;
6. Nenhum animal mataria outro animal;
7. Todos os animais seriam iguais.

Entretanto, como a maioria dos porcos não sabiam ler, surge a máxima “quatro pernas bom, duas pernas ruim” desenvolvida por Bola-de-Neve, a fim de que todos os animais pudessem sintetizar e compreender a essência do novo governo.

No primeiro período, um grande desenvolvimento e inclusão foram alcançados, com mútuo respeito e distribuição de toda a produção obtida de acordo com as necessidades individuais, com aumento de rendimento e conforto geral. Entretanto, as rivalidades entre Napoleão e Bola-de-Neve tornaram-se cada vez mais acirradas e agressivas, mas democraticamente solucionadas.

Foi nesse período que ocorreu a Batalha do Estábulo, a qual Sr. Jones, o antigo dono da

granja, tentou retoma-la a força com a ajuda de granjeiros vizinhos. Entretanto, o ataque já era previsto e com a ajuda de diversos estudos, Bola-de-Neve arma um bem sucedido plano de ataque que, associado à energia dos animais, fez manter a estabilidade alcançada.

Entretanto, a realidade da granja foi mudada quando Bola-de-Neve propôs a construção de um moinho de vento que facilitaria o trabalho de todos. Napoleão, entretanto, se opôs e, desrespeitando os princípios antes estabelecidos, atacou e expulsou seu antes companheiro, e agora inimigo, usando a força. Logo, uma ditadura foi gradualmente instalada.

Como justificativa de expulsão, Napoleão argumenta que a ideia do moinho era dele e havia sido roubada, iniciando a construção segundo seus projetos. Essa marcou o início de uma série de mentiras e alterações nas leis estabelecidas para que seus objetivos fossem alcançados.

As violações se intensificam a partir de então. Com interesses comerciais, Napoleão começa a realizar comércio com homens, desrespeitando a primeira regra, que constituía a inimizade com esses. Por meio da lãbia de outro porco, Garganta, a ação é justificada, argumentando que um homem, o Sr. Whymper, era submisso a Napoleão e sua causa.

Simultaneamente, os porcos, todos como líderes e superiores, passam a viver na Casa Grande (que após a Revolução foi considerada um museu e proibida de ser habitado), usando das camas, que também eram proibidas. Nessa parte em especial, a regra, então “nenhum animal dormirá em camas”, foi adulterado, adicionando “com lençóis”, a fim de aproveitar do analfabetismo e da memória curta (que não permitia lembrar o que antes havia sido determinado) dos demais animais.

Nesse contexto, uma nova batalha com os demais granjeiros, incitada pelo comércio então estabelecido, é travada. Nessa, chamada Batalha do Moinho, a vitória é novamente garantida, mas com a dura perda do moinho de vento, agora destruído.

Durante a noite, os porcos encontram, na Casa Grande, uísque que antes passara despercebido. A festa entre o “corpo táctico” (os porcos) foi farta. Na manhã seguinte, com claras referências à ressaca, Napoleão abomina novamente o álcool, decisão essa que não se mantém. Ao contrário, alguns dias depois, a compra de maquinário para a produção de cerveja e o início do arado do campo antes destinado à aposentadoria para a produção de cevada foi feita. Como alteração, a lei que dizia “Nenhum animal beberá álcool”, foi ampliada com um “em excesso”, associado à justificativa que o trabalho intelectual era exaustivo e digno de descanso.

Em outro trecho, Napoleão exige a confissão de todos aqueles envolvidos com qualquer “crime” que representava a ajuda ao antigo camarada (gíria popular entre os russos para companheiro). Assim, aqueles que confessavam eram mortos em frente aos demais, de forma a impor o medo e, conseqüentemente, o controle. Justifica seus atos novamente ampliando “Nenhum animal matará outro animal” com um “sem motivo”, acusando-os de traição.

No final do livro, os porcos passam a andar sobre duas patas, vestir roupas e usar chicotes. A hierarquização foi estabelecida, a qual os demais animais deveriam ceder espaço aos porcos. Assim as leis “Nenhum animal usará roupas” e “todos os animais são iguais”, são também violadas. A máxima “quatro pernas bom, duas pernas ruim” é alterada para “quatro pernas bom, duas pernas melhor ainda”, de forma a alienar os animais “menos” intelectuais.

Por fim, todas as leis são alteradas para um único Mandamento: “Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que outros”, finalizando um ciclo de alterações e imposições de Napoleão.

Como consequência da reaproximação com os humanos, a Granja dos Bichos é reaberta ao acesso às outras granjas e a comunhão com outros homens restabelecida, voltou a chamar-se Granja do Solar.

O livro finaliza apresentando uma reunião entre líderes porcos e os demais granjeiros, revelando a semelhança gritante entre eles e a desigualdade clara dentro da granja, como descrito em “mas já se tornara impossível distinguir quem era homem, quem era porco”, concluindo sua obra com maestria as referências propostas.

Principais teses desenvolvidas pela obra

A obra apresenta uma grande metáfora à Revolução Russa, como já fora mencionado. Assim, George Orwell, como hostil ao socialismo soviético, mostrou-se contra tal governabilidade,

apresentando como sustentação do seu ponto de vista a realidade da então União Soviética. Com Joseph Stalin, as desigualdades implantadas eram sustentadas pelo culto ao líder, medo e culpados fatores externos.

Nesse contexto, Major, o porco que implementou o discurso revolucionário, foi inspirado em Lenin, principal idealizador e expoente da Revolução Russa de 1917. Ele fundamentou o fim da exploração burguesa e do então absolutista Nicolau II (dos homens e do Sr. Jones, respectivamente) pela tomada dos meios de produção (granja) desses pelo proletariado (os animais).

Seus seguidores, que logo se tornaram rivais, Napoleão e Bola-de-Neve, referem-se, respectivamente, à Stalin e Trotsky, este último seguidor fiel de Lenin, com ideais inovadores para a Rússia (como apresentado pelo projeto do moinho de vento, no livro), enquanto aquele mais alinhado com o viés comunista e rígido em sua aplicação militar (como constatado pelos desfiles e marchas realizados por Napoleão).

Cada personagem e trecho do livro contribuem para as amplas referências. Quitéria e Sansão, cavalos de tração, representam a força de produção do operariado, gastos até o último momento de sua vida durante o governo de Napoleão. No caso de Sansão, após sua invalidação para o trabalho, é enviado ao matadouro, uma vez que não teria utilidade dentro do sistema exigido.

Vale destaque para as influências tomadas por Napoleão para a manutenção de seu poder. Os cães agressivos e violentos criados por ele, por exemplo, constituem o controle pelo exército (KGB), pela força militar e, conseqüentemente, pelo medo. Associado ao grande potencial de convencimento da mídia e dos meios de divulgação de informação, representado por Garganta, um porco com grande lábia e porta voz do Líder (como Napoleão passou a ser chamado), o *status* do governante foi exaltado e superado pelos demais, esses ainda alienados pelos dados falsos de aumento da produtividade que lhes era apresentado. Paralelamente a isso, a memória curta dos animais (que não lhes permitia lembrar os reais acontecimentos e, por isso, permitirem ser enganados), associado à fé do corvo Moisés, representa a falta de conhecimento devido à baixa educação do proletariado associado à alienação pela crença e fé da população.

As referências continuam ricas durante todo o livro. As fofocas das demais granjas remetem às propagandas anticomunistas que rodavam o mundo ocidental. A primeira batalha originada pela revolta do Sr. Jones remete à Guerra Civil Russa, com a tentativa de retomada dos meios de produção pela burguesia com ajuda externa. A própria ideia desenvolvida de que Bola-de-Neve teria roubado os planos do moinho de vento, entre diversas outras acusações que recaem apenas a ele, representam a política que Stalin assumiu para manchar a imagem de Trotsky internamente e alienar a população.

De principal destaque, reforço a iconografia representada pelo burro Benjamin. Esse representa a classe intelectual consciente dos acontecimentos, mas indiferente a eles como, inicialmente, não sofre desvantagens diretas. Esse personagem poderia representar uma reviravolta da trama, assim como tal grupo social poderia ter sido historicamente na ditadura estalinista. Entretanto, sua imparcialidade em meio político gerou conseqüências catastróficas para os demais, que por fim acabou afetando-o em conjunto, como membro daquela sociedade.

Em determinado momento, é revelado que Garganta altera os Mandamentos, de forma a mostrar a influência das mídias sobre as leis e, conseqüentemente, equilíbrio, de um povo e país.

O livro circunda com frequência a presença do medo como manutenção do poder. A lembrança já frágil dos animais da antiga realidade era usada como instrumento, apresentando uma falsa melhora de vida aos indivíduos, ao mesmo tempo em que a ameaça de volta aos antigos padrões. Fazendo intertextualidade com outra obra do autor, 1984: “Quem controla o passado, controla o futuro”.

Reflexão crítica sobre a obra e implicações

Em suma, a obra é extremamente vasta e profunda no que se propôs, simultaneamente associada à sua facilidade e praticidade de leitura e entendimento. Como conseqüência, a compreensão dos eventos ocorridos é ampla e simplificada para o fácil entendimento.

A construção, tomada em ironias, apresenta ricamente a grande adulteração dos princípios, da história e da realidade, aliado ao medo, que permitiu o controle populacional. Dessa forma, a

complexa política do período foi aprofundada pelo autor.

A antropomorfização ainda amplia o entendimento da obra e da visão política do autor. Opositor aos socialistas, apresentou-lhes como porcos, popularmente vistos como sujos e desengonçadas; os cavalos, fortes, como o operariado trabalhador braçal; o corvo, como ave, aquele que alcança os céus, é como o ideal inalcançável da igreja, ao mesmo tempo que é representado por um pássaro em algumas culturas tido como maléfico; mimosa, a vaca, de grande valor no mercado, como a vertente capitalista; os cães como o exército, a força; por último o burro, os indiferentes à política.

Vale ressaltar a genialidade envolvendo Benjamin, e ao mesmo tempo a crítica àqueles que permanecem imparciais nos grandes contextos políticos que vivenciam. Esses, como já abordado, podem alterar a história, mudar a realidade e os acontecimentos. Entretanto, sua indiferença cravou por vez o fim de seus camaradas e, inclusive de Sansão, com quem simpatizava. Entretanto, esta apresentação levanta uma nova discussão moral: a partir de que ponto ele deveria agir (ou se deveria), uma vez que estava lidando com ignorantes que provavelmente apenas o julgariam e colocariam sua própria segurança em risco. Isso amplia ainda mais as possibilidades da obra.

Assim, por meio de geniais metáforas, George Orwell constrói sua obra, encerrando com os resultados totalmente contrapostos à utopia antes sonhada.

Orwell, G. **A Revolução dos Bichos**. Fonte digital, Ridendo Castigat Mores, 2000.

Recebido em 29 de agosto de 2019.

Aceito em 15 de setembro de 2019.